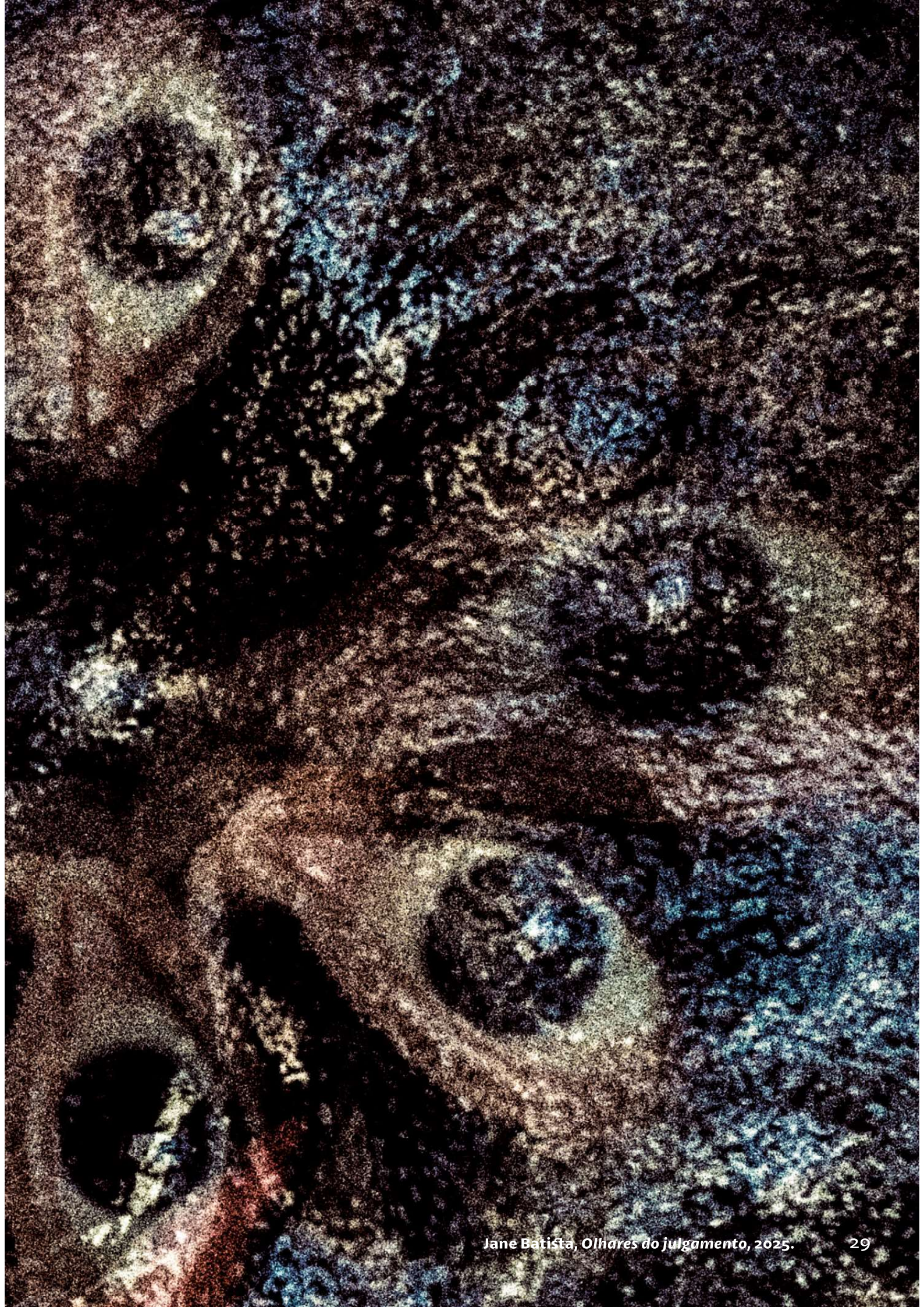




Os quartos que passei

POR
Jane Batista

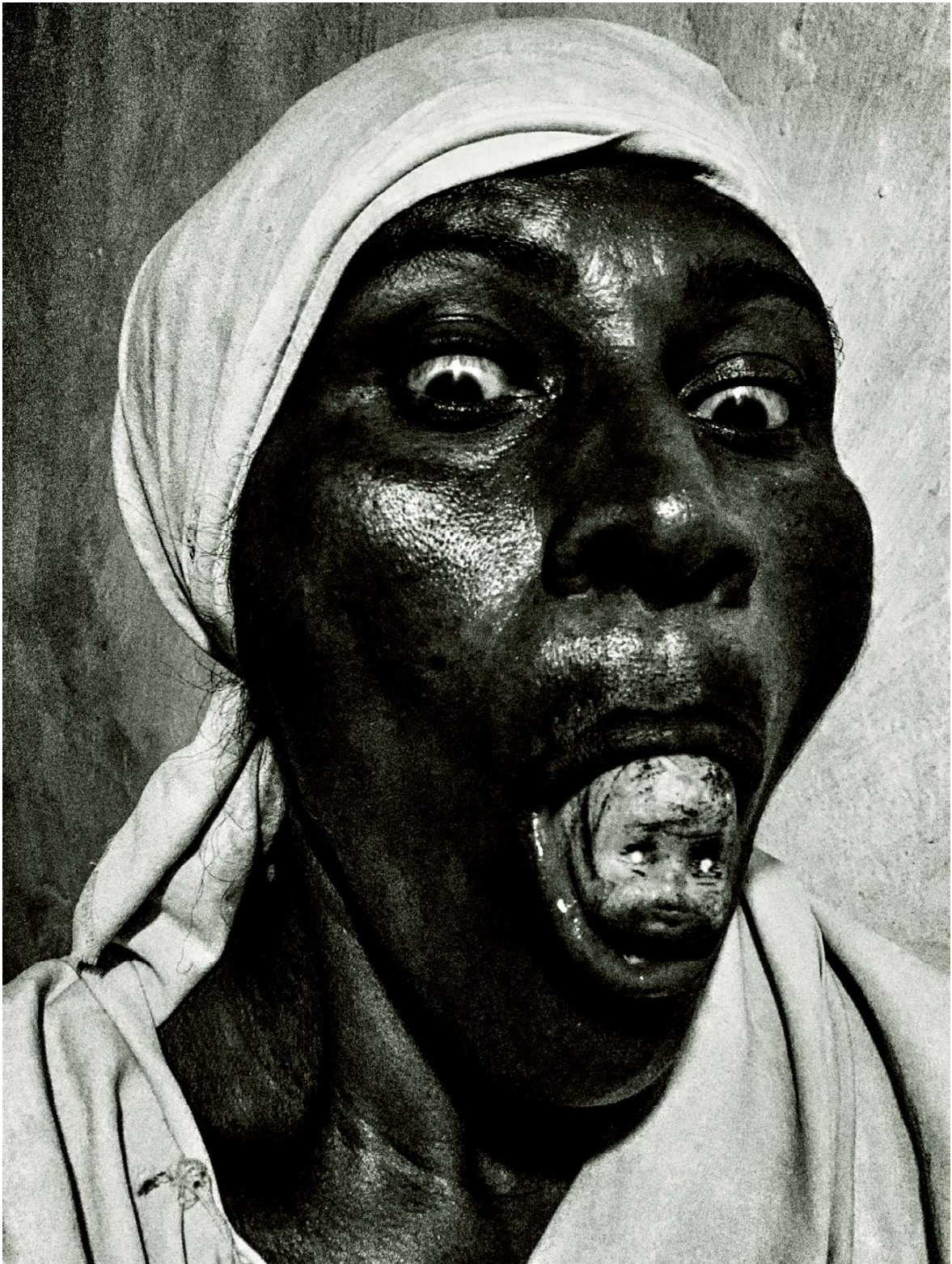


Já estive pensando várias vezes: se não fosse a minha fé e a curiosidade em querer sentir e ver o que eu usava no meu trabalho, na minha alimentação do meu dia a dia no meu corpo, escrever sobre meus sentimentos, sobre o que eu via e sentia, eu não seria essa artista e poeta que sou hoje.

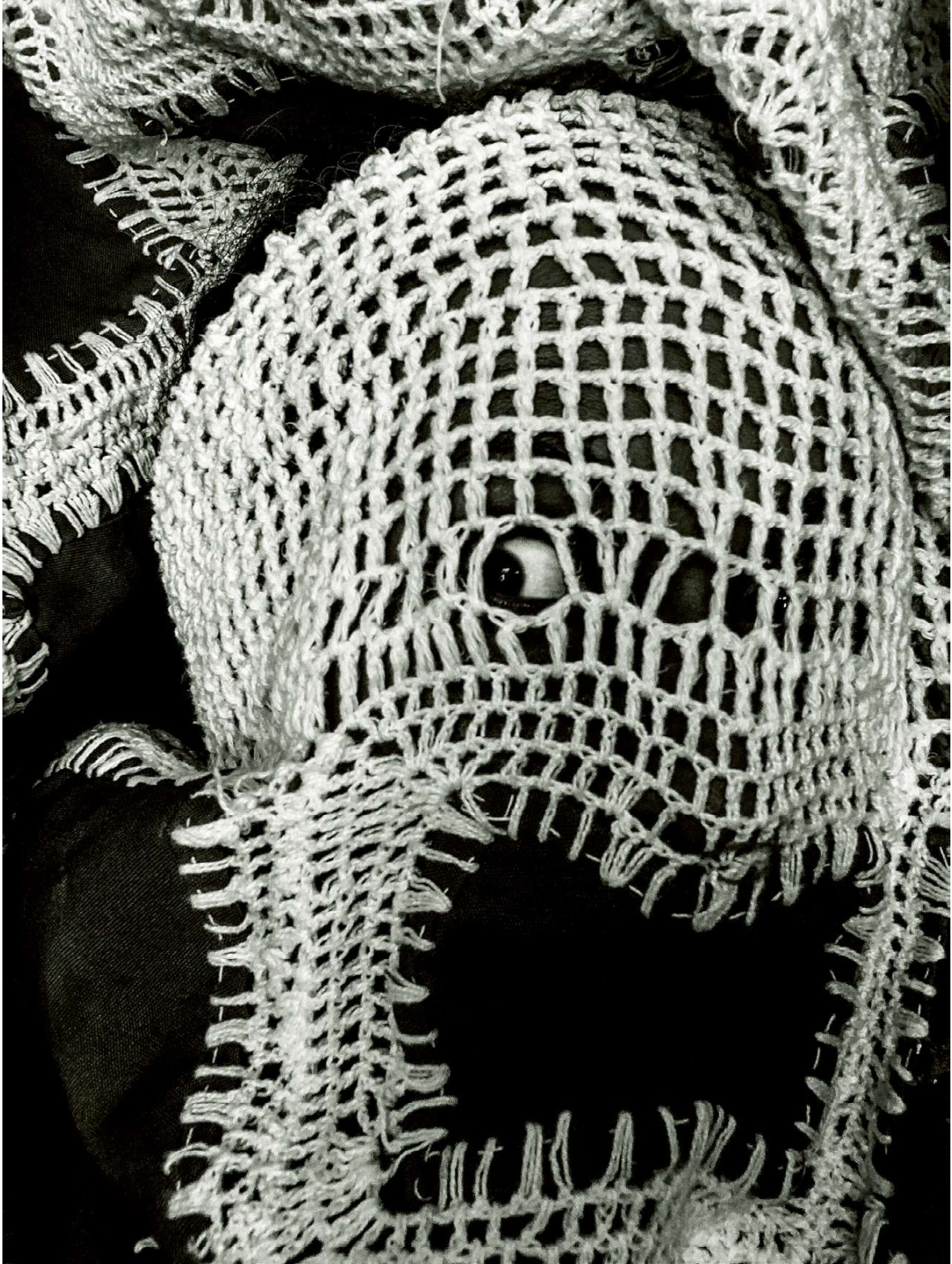
Morei em várias casas e em cada uma delas tem um pouco de mim. E em uma delas, o quarto que eu usava para libertar as personagens que existiam e existem dentro de mim foi chamado de “quarto dos horrores”. Quarto em que eu me sentia a mulher mais feliz, em frente de espelhos, quando me produzia e ficava diante de uma câmera de celular, que em dez segundos fazia o registro, como se fosse um parto, nascia uma outra de mim.

Jane Batista, Pérola, 2025.





Jane Batista, *Aceitação*, 2025



Jane Batišta, *Boca*, 2025

E todas essas personagens, essas Janes que esteticamente parecem ser diferentes umas das outras, quando são visivelmente construídas em um clique, sempre são um pouco de mim, do que sinto, do que vejo. São memórias do que vivi na infância. Fui para a roça colher algodão, milho, feijão... Já lavei panelas com folhas de manga e areia na falta da bucha e do sabão, o que me leva a fazer personagens com esses elementos. Construir esses autorretratos me incentiva a visitar cada vez mais a minha memória, a tentar descobrir quem realmente sou, porque somos segredos para nós mesmos e estaremos sempre descobrindo algo novo em nós, que talvez vamos ter o desejo de construir, seja numa foto, na escrita e em quantas possibilidades forem possíveis de existir e mostrar aos outros.

Eu sei que para colocar para fora essas personagens, essas Janes, terei que continuar visitando minhas memórias, medos, sonhos e terei que adentrar sempre no “quarto dos horrores” ou procurar um lugar onde eu me sinta à vontade para sair sem medo de dentro de mim, pois nesse processo nunca estamos a sós. Todas as personagens de autorretrato que saem de dentro de mim são poesias também, vocês sabiam? Olhem para elas e elas vão te fazer sentir como se fossem uma escrita, vocês irão tentar ler, mas apenas vão sentir com os olhos. Somos personagens mergulhados em um oceano de sentimentos e toda a nossa história é poesia, cada passo, cada ação.

Jane Batista, Serragem, 2025.

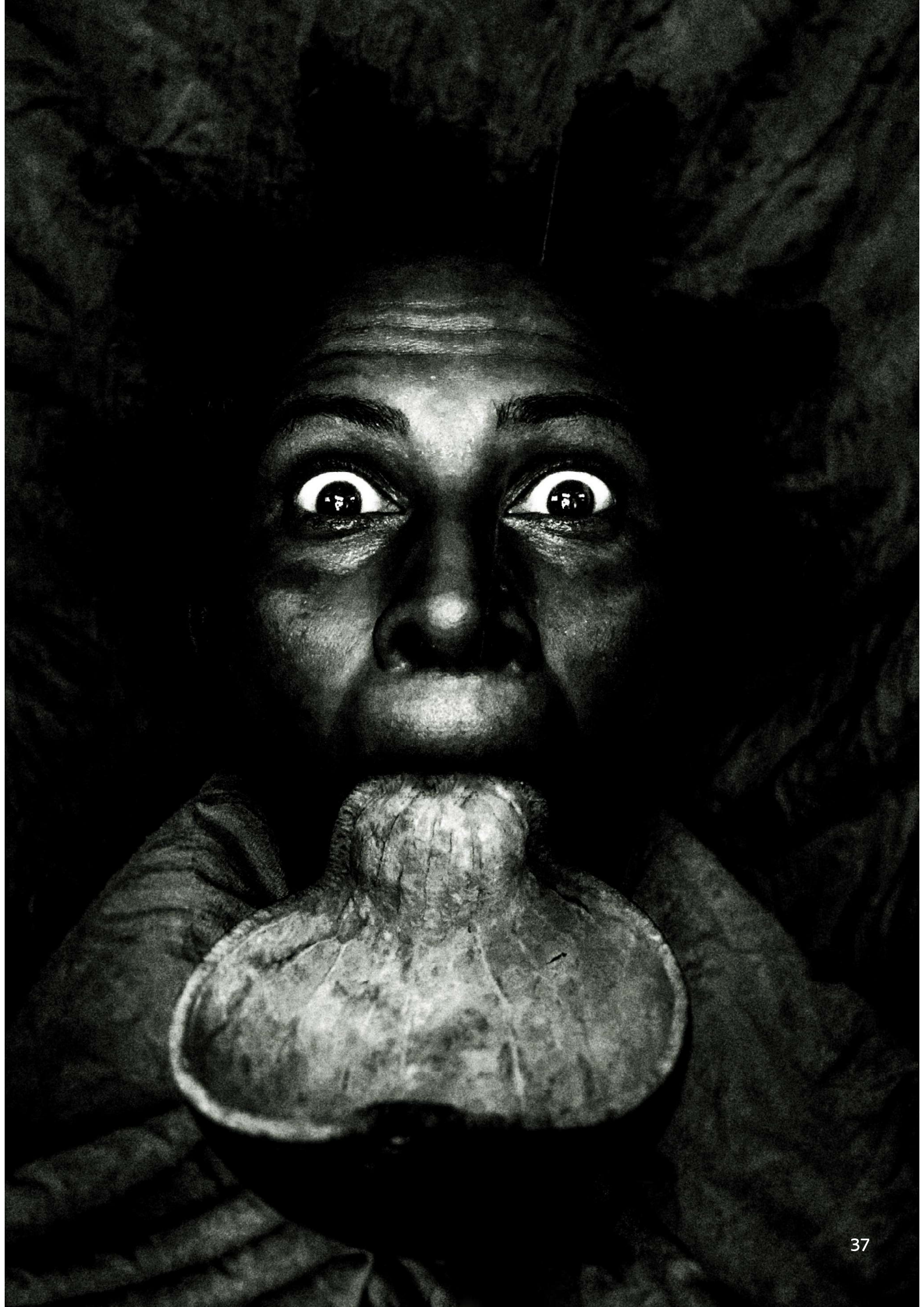




Caminhando de volta para casa, terra molhada da chuva que se transformou em lama, sujeira da alma que logo senti. Meu coração encontrou-se arrependido dos erros que cometi, manchando a alma no desejo de desfazer o que foi feito, o que foi dito. Caminhando de volta para casa, o lamaçal escorria, minha alma chorava de tanto que me arrependia. Não é fácil viver o presente quando o passado é lembrado em gotas de chuva que do céu caíam.

“Caminhando de volta para casa” (acima) é uma escrita, uma poesia de um momento voltando para casa depois do trabalho, da maneira como eu vi e senti naquele instante. E assim venho trazendo para esse meu espaço de vivência todos que estão tendo a oportunidade de conhecer um pouco de mim. E uma coisa tenho certeza: quando paramos de construir arte não é porque não existe mais nada dentro de cada um de nós, é porque queremos descansar a mente do que nos consome e perturba a alma, assim como o nosso espírito, quando vamos para o repouso eterno ou temporário... Para se construir algo o processo é esse: curiosidade, história, memórias, parcerias com pessoas que acreditam realmente no que fazemos. É um conjunto de muitas coisas.

Jane Batista, *Cuia*, 2025.



Nada de terminar em “etceteras”. A vida é tão bela e cheia de mistério, exigindo às vezes um ponto final, outras vezes reticências... E segue em processos que vão além da arte — alguns conhecidos, outros não. Até a morte, por mais que a vejamos como descanso antes do juízo final, é apenas mais uma passagem nesse fluxo. E hoje, mais uma vez, observo que meu processo não é só no mundo das transformações artísticas, mas sim como as pessoas me veem. Meu processo, o processo de cada um de nós é pessoal. Me olho e vejo o quanto eu venci como mãe, o quanto eu tenho responsabilidade pela minha família, talvez seja esse meu lado masculino? — Não, não é o lado masculino que achamos que existe em nós mulheres. É amor de quem ama e só quer o bem das suas crias, meus filhos.

Me perguntaram uma vez se eu já tinha pensado em desistir de fazer meus autorretratos porque eu uso o sentimento de tristeza para o meu processo de produzir. Eu disse que nunca pensei em desistir de fazer o que faço hoje no meu trabalho por causa dos sentimentos de tristeza, uso memórias alegres. Os momentos de tristeza são um processo de superação que a gente tem de dizer, “não parei”, é saudade, é dor, é amor. Mas já pensei sim, na vida real, em desistir, tirar a minha própria vida e isso é muito sério, quando só você sabe desse seu sentimento de querer morrer sem compartilhar com alguém, precisa ser muito forte. O que me dá força para seguir é Deus e meu filho, isso me faz continuar. Entendi que viver é navegar todos os sentimentos — e criar é extraí-los para que outros os sintam. Agora vou me produzir e fazer uma outra de mim, tive uma recordação incrível de quando eu era criança. E uma nova Jane está prestes a nascer∞

.....
Jane Batista é fotógrafa performática e poeta afro-indígena radicada em Fortaleza, Ceará. Autodidata, utiliza o celular para criar autorretratos que exploram corpo, cotidiano e identidade. Sua obra investiga resistências e imaginários femininos, pretos e periféricos.
.....

